
O ethos da mulher repórter no final do século XIX: análise do discurso de Nellie Bly em Dez dias num hospício (1887)¹

Valentina Ruivo Bressan²

Marcia Benetti³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo apresentar a imagem de si construída pela jornalista americana Nellie Bly na reportagem *Dez dias num hospício*, publicada em 1887 em duas partes no jornal *New York World* e apurada por meio da técnica do disfarce. A partir da Análise de Discurso francesa e do conceito de ethos de Maingueneau (2013; 2014; 2020), mapeamos e agrupamos sentidos acionados pela repórter ao se referir a si mesma enquanto jornalista, ao jornalismo e aos colegas de profissão. Os núcleos de sentido encontrados demonstram como o discurso autorreferencial de Bly implica a importância de parecer objetiva, comprometida com a verdade e credível.

PALAVRAS-CHAVE: ethos do repórter; discurso; século XIX; Nellie Bly.

Introdução

Ao longo da história da imprensa, o jornalismo estadunidense em diversos momentos serviu como molde e influenciou o estabelecimento de práticas e valores para jornalistas em outros países (Queiroz, 2013). O surgimento da *penny press* gerou uma revolução com impactos na imprensa global. Nesse mesmo período, a repórter americana Nellie Bly deu início à era das *stunt reporters* – mulheres que, no final do século XIX, se inseriram nas redações a partir da produção de matérias apuradas com uso do artifício do disfarce – com a publicação da reportagem *Dez dias num hospício*, em 1887, no jornal *New York World*. Esta pesquisa identifica as marcas do discurso que constroem a imagem de si de Nellie Bly nessa reportagem e as situa no cenário de formação da imprensa da época.

No final do século XIX, começavam a se consolidar procedimentos de apuração e de redação que, ainda hoje, compõem o cotidiano da profissão jornalística. Nos Estados Unidos, na esteira do estabelecimento de uma sociedade democrática de mercado e do surgimento de inovações tecnológicas, a imprensa ganhou legitimidade,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo (2024) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: valentinarbressan@gmail.com

³ Professora titular do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora do trabalho. Email: marcia.benetti@gmail.com

os fatos passaram a reinar nas páginas dos periódicos em vez das opiniões e a circulação de jornais aumentou (Schudson, 2010).

A “revolução na imprensa” da década de 1830 marcou a transição de um jornalismo associado a políticos para o financiamento via publicidade (Traquina, 2004). O conceito de notícia é delimitado nesse período, e passa a funcionar como a mercadoria que sustenta os jornais enquanto negócios lucrativos. Surge a *penny press*, e o sensacionalismo começa a ser uma das regras para a concorrência comercial entre os periódicos.

Outro processo que marca essa mudança é a profissionalização dos jornalistas. “Como a notícia era mais ou menos ‘inventada’ nos anos de 1830, o repórter foi uma invenção social dos anos de 1880 e 1890” (Schudson, 2010, p. 81). O repórter surge com a missão de representar a realidade de forma fiel, ir atrás das notícias e hierarquizar os fatos com uma competência profissional específica. Práticas como a descrição aprofundada de pessoas e cenários, a entrevista de testemunhas oculares e o uso do artifício do disfarce para investigar informações são procedimentos que remontam a essa época.

A Guerra Civil dos Estados Unidos, que ocorreu de 1861 a 1865, foi um marco do uso do subterfúgio do disfarce no cotidiano das apurações, e está relacionado às origens do que hoje é o jornalismo investigativo. Durante o conflito, jornalistas de redações do Norte do país viajavam disfarçados para reportar do Sul (Traquina, 2004).

Nesse momento, códigos deontológicos não eram suficientemente definidos para que a prática fosse amplamente condenada. Hoje, o disfarce é questionado por razões éticas, de segurança e relacionadas à própria definição do que é jornalismo. Para Moretzsohn (2007), ao jornalismo não basta apenas exibir ou ver para compreender, mas é necessário esclarecer e interpretar acontecimentos para os leitores.

Em 1887, a jornalista Nellie Bly chegava à redação do *New York World* – fenômeno de vendas liderado por Joseph Pulitzer – aos 23 anos de idade em busca de uma colocação como repórter. O editor sugeriu que Bly fingisse loucura para se infiltrar no manicômio para mulheres da ilha de Blackwell, em Nova York, e produzir reportagens sobre a situação das internas (Kroeger, 1994). Bly aceitou a missão e a apuração deu origem a uma reportagem testemunhal em primeira pessoa, publicada em duas partes em outubro de 1887. Nos textos, Bly narra sua jornada para chegar até o

hospício, conta como foi tratada lá dentro e traz relatos de outras mulheres internadas no local (Bly, 2021).

A publicação da reportagem não só representou o primeiro passo de uma longa carreira para Bly, mas também firmou a reportagem de disfarce como modelo de um tipo de trabalho que permitia às mulheres repórteres conquistar espaços nas redações. No final do século XIX, o número de mulheres nas redações, que ainda era pequeno, começa a se tornar mais expressivo nos Estados Unidos. A maioria masculina nas redações considerava o jornalismo um ofício muito árduo para as mulheres (Chambers; Steiner; Fleming, 2005).

Nesse cenário, Nellie Bly inaugura a era das *stunt reporters*: mulheres que se consolidavam como jornalistas a partir da execução de grandes apurações com uso do disfarce. O subterfúgio do disfarce servia, ao mesmo tempo, para diferenciar as matérias dessas repórteres em um ambiente competitivo e reafirmar a competência delas, na medida em que se disfarçar e investigar exigiam características vantajosas para qualquer repórter – como astúcia, esperteza, agilidade e criatividade (Kroeger, 1994).

Fundamentação teórica e metodológica

Para investigar como o discurso particular de Nellie Bly dá vistas a uma paisagem mais ampla de práticas e valores jornalísticos que se estabeleciam no final do século XIX, mobilizamos conceitos da teoria narrativa para qualificar a posição do narrador protagonista e utilizamos como base metodológica a Análise do Discurso (AD) de linha francesa. A AD busca compreender *como* um discurso funciona, permitindo-nos operar uma problematização da linguagem.

Com o objetivo de mapear os eixos principais do ethos discursivo de Bly, usamos a noção de paráfrase para visualizar os sentidos predominantes do texto, que se configuram a partir da repetição e do retorno aos mesmos espaços do dizer (Orlandi, 2001). Em seguida, agrupamos os sentidos em núcleos centrais. O mapeamento dos sentidos permite tecer associações entre o discurso particular de Bly e esse momento histórico formativo do jornalismo.

Trabalhada de forma extensa por Dominique Maingueneau (2013; 2014; 2020), a ideia de ethos discursivo norteia a análise de como a imagem de si construída por Nellie Bly a posiciona em relação ao ideal de bom repórter da época e a aproxima de

atributos coletivamente valorizados pela classe profissional. Utilizando a AD, partimos do texto para o que lhe é anterior e exterior. Ou seja, a reportagem publicada serve como índice de um processo complexo e dinâmico. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (Benetti, 2007, p. 111).

Com apoio em Maingueneau (2014), partimos do ethos discursivo de Nellie Bly – tendo como objeto de pesquisa material a reportagem *Dez dias num hospício* – para identificar o ethos pré-discursivo, ou seja, o conjunto de representações prévias sobre o enunciador. O ethos pré-discursivo é uma dimensão do discurso especialmente relevante ao jornalismo, pois a efetividade do discurso da imprensa depende dessa representação anterior. Atributos do jornalismo acionados nos textos indicam os papéis a serem desempenhados por veículos, leitores e fontes (Benetti; Gadret, 2017). Nessa linha, a credibilidade é um fator valioso, na medida em que está intrinsecamente relacionada aos valores éticos de determinada época do jornalismo. O ideal de “bom repórter” delimita quais indícios servem para considerar um jornalista credível ou não.

Em um texto jornalístico ou literário, é a partir do ponto de vista do narrador que conhecemos os fatos de uma história. De acordo com Adam e Revaz (1997), o narrador em primeira pessoa se constitui como um narrador-personagem. Ele pode ser uma testemunha dos acontecimentos ou um protagonista. No caso de Bly, ela é ambos, já que relata o que vê acontecer às outras internas ao mesmo tempo em que inclui na reportagem as experiências vividas por ela dentro do hospício. A noção de testemunhar está intimamente relacionada ao conceito de notícia. Alguém – seja o próprio jornalista ou uma fonte – precisa ter testemunhado os acontecimentos para narrá-los. “A função testemunhal não é apenas um dos elementos da produção noticiosa, mas sim, uma de suas matrizes de verdade presumida, sem a qual a própria narrativa noticiosa perderia a sua sustentação e legitimidade enquanto produção simbólica” (Casadei, 2014, p. 140).

No jornalismo, diferentemente do que acontece na literatura, autor e narrador frequentemente coincidem. Isto é, os narradores no jornalismo são “sujeitos reais ativos que interferem diretamente na configuração da estória” (Motta, 2013, p. 217). Assim, o jornalista fica responsável pela veracidade daquilo que narra e, nesse jogo de convencimento, várias marcas de autoria testemunhal podem ser mobilizadas. De acordo com Ricoeur (2007), há uma fórmula típica para o testemunho, que garante a

confiabilidade da narrativa: a testemunha afirma, por meio do texto, “eu estive lá”. Com influência do realismo literário, a descrição de ambientes e pessoas, a identificação nominal de personagens e instituições e a citação de períodos de tempo são estratégias para reforçar a veracidade. Casadei (2014) chama essa construção de prova de verdade imaginada. As marcas de presença no texto reforçam o caráter testemunhal e geram um efeito de real.

Resultados

O livro *Dez dias num hospício* é um objeto rico em sentidos sobre as práticas jornalísticas do final do século XIX. Mapeamos trechos em que Nellie Bly fala de si enquanto repórter e mulher, aponta atributos mobilizados para construir sua imagem em relação ao grupo mais amplo de jornalistas, indica quais dilemas éticos existiam ao atuar sob disfarce e sinaliza quais valores profissionais sustentavam suas práticas e, ainda hoje, permanecem vigentes.

Encontramos 266 sequências discursivas (SDs) que respondiam às perguntas de pesquisa. Como diversas SDs continham mais de um sentido, decidimos trabalhar com a noção de incidências discursivas – que consistem em contar cada vez que um sentido aparece nos trechos selecionados. Com isso, chegamos ao total de 346 incidências discursivas, que se articulam em oito núcleos de sentido.

O núcleo predominante posiciona Nellie Bly como alguém que “descobre a verdade e é fiel aos fatos”, com 29,78% das incidências de sentido. Mesmo antes da existência do jornalismo enquanto campo de conhecimento delimitado e da consolidação de uma ética profissional, vemos como a preocupação com a objetividade se apresenta no discurso de Bly. Aqui, aparecem estratégias de construção de efeito de real e é destacado o esforço de apuração da repórter. O compromisso com a verdade é colocado como o dever-ser do jornalismo.

A única instrução que recebi foi que me dedicasse ao trabalho assim que estivesse preparada. **Meu dever seria documentar de forma fiel** as experiências pelas quais eu passasse e, uma vez dentro do hospital, **descobrir e descrever seu funcionamento interno, que nunca chega ao conhecimento do grande público – graças às enfermeiras em seus quepes brancos e às grades e fechaduras.** (SD 5)

Em segundo lugar, estão reunidas as sequências que a definem como uma repórter “corajosa e com uma missão”. Este sentido, que coloca o jornalismo como um

dever, aparece em 22,54% das incidências. O jornalismo é representado como um ofício difícil, arriscado, mas que preenche o repórter de propósito.

O sentido “sou obstinada e estratégica” ocorre em 16,20% das incidências. Bly menciona estratégias necessárias para realizar a reportagem e demonstra como o uso do disfarce exige esperteza, preparo e agilidade.

A empatia de Bly é elemento principal de 12,14% das incidências de sentido. Ela se posiciona como uma pessoa boa e altruísta e indica que os jornalistas são profissionais que trabalham a serviço da comunidade. Já 7,20% do material caracteriza Bly como alguém que vive “experiências inesquecíveis”. O jornalismo é descrito como uma aventura – ecos dessa ideia ainda existem no imaginário atual sobre a profissão.

Nellie Bly constrói sua imagem como uma “boa moça” em 5,20% das incidências de sentido. Ao se colocar como uma mulher digna, delicada e bonita, ela se alinha aos valores sociais vigentes no final do século XIX. A capacidade de disfarce é o eixo central de 4,34% das incidências.

Os dilemas éticos que se revelam durante a apuração da reportagem aparecem em 2,60% das incidências, compondo um sentido residual do discurso. Mesmo antes dos códigos deontológicos se consolidarem e em meio a uma profissionalização incipiente, é interessante como Bly já tem consciência da necessidade de justificar o disfarce e as escolhas tomadas ao longo da apuração.

Conclusão

A análise do ethos discursivo de Nellie Bly na reportagem *Dez dias num hospício*, de 1887, demonstra a importância da presença do repórter como valor para o jornalismo. Além de servir como registro histórico de uma fase de consolidação da imprensa como a conhecemos hoje, o texto revela traços de valores do jornalismo que ainda são caros aos profissionais. Parecer credível, ser objetivo, ético e estratégico são preocupações ainda vigentes no cotidiano dos repórteres. Mesmo antes do estabelecimento de códigos deontológicos, Bly demonstrava ter consciência da relevância da credibilidade, da objetividade e da ética. Ao partir do discurso particular de Nellie Bly para um cenário amplo de consolidação do ideal de repórter e de jornalismo, fornecemos evidências sobre a valorização de determinados atributos profissionais em detrimento de outros.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. **A análise da narrativa**. Lisboa: Gradiva, 1997.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENETTI, Marcia; GADRET, Débora Lapa. O ethos do repórter de TV da Rede Globo. **Intexto**, Porto Alegre, n. 39, 2017.
- BLY, Nellie. **Dez dias num hospício**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Fósforo, 2021 [1887].
- BRESSAN, Valentina Ruivo. **O ethos da mulher repórter no discurso de Nellie Bly**: análise de Dez dias num hospício (1887). 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.
- CASADEI, Eliza Bachega. **Como contar os fatos**: a história da narrativa do jornalismo de revista no século XX. São Paulo: Alameda, 2014.
- CHAMBERS, Deborah; STEINER, Linda; FLEMING, Caroline. **Women and journalism**. London: Routledge, 2004.
- KROEGER, Brooke. **Nellie Bly**: daredevil, reporter, feminist. New York: Times Books, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.
- MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- QUEIROZ, Natália Costa. **O auge de Nellie Bly**: uma jornalista estadunidense no final do século XIX. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Florianópolis: UFSC, 2013.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**, v. 1. Florianópolis: Insular, 2004.